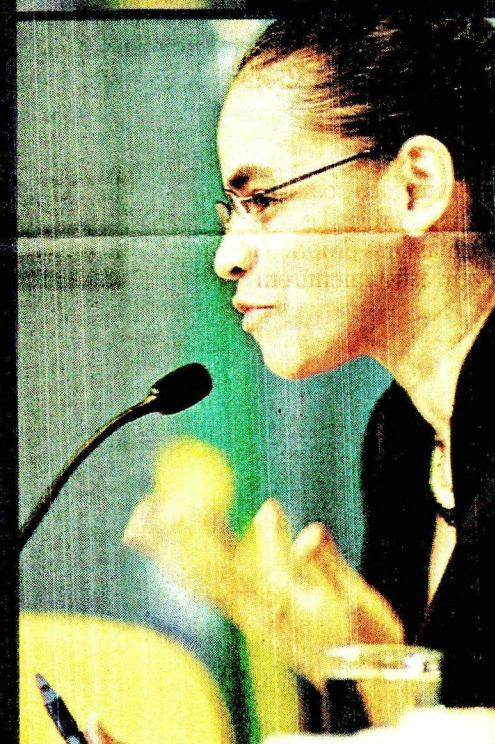
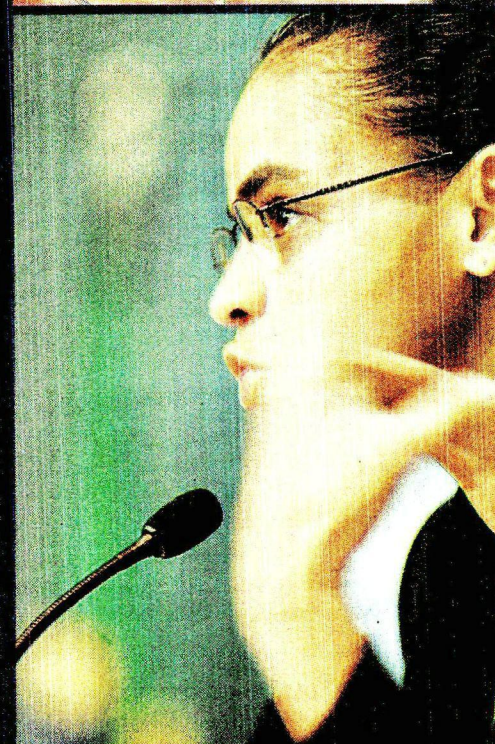
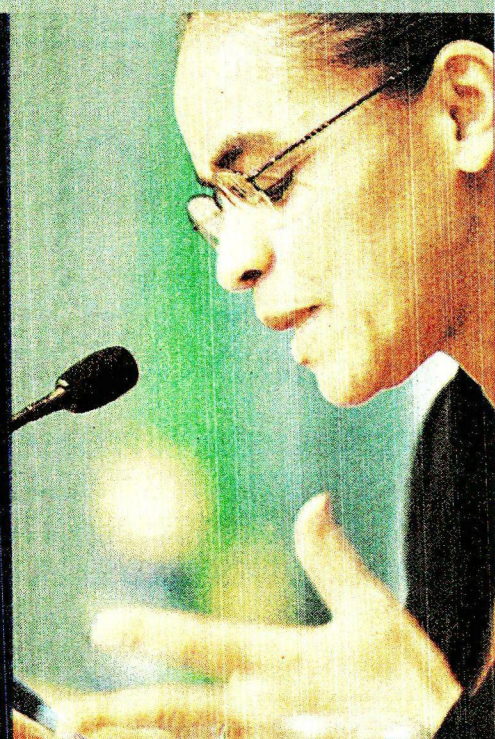


Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A. Press



## ESPLANADA

Ex-ministra insinua que deixou o cargo por causa da força do agronegócio no Planalto e da implantação de obras na Amazônia

# Marina ataca na despedida

LEONEL ROCHA  
DA EQUIPE DO CORREIO

O prestígio e a força do agronegócio junto ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a opção do Palácio do Planalto por flexibilizar a licença ambiental para implantar grandes obras de infra-estrutura na Amazônia foram as principais causas do pedido de demissão da senadora Marina Silva (PT-AC) do Ministério do Meio Ambiente. Ontem, durante entrevista que concedeu para explicar a renúncia, ela admitiu que estava ficando isolada no governo e não conseguia mais implantar inteiramente as políticas que defende para o setor. Por isso, tomou uma atitude que espera servir de alerta: "Percebi que as pedras não estavam mais se movendo e quando as pedras não se movem, é preciso fazer algo para que elas se movam", disse em tom de parábola.

O principal receio de Marina Silva e sua equipe é que o Planalto ceda às pressões de produtores rurais, principalmente o governador do Mato Grosso, Blairo Maggi (PP), e empurre para o próximo ano o prazo dado pela resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN) de proibir a concessão de crédito rural aos fazendeiros devastadores da Floresta Amazônica. Pela resolução do conselho, para conseguir financiamento, produtores rurais terão que se recadastrar junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) até 1º de junho para conseguir um "atestado" de que não provocam queimadas ilegais. E alertou: "Não pode retroceder, ao meu ver, na resolução do Conselho Monetário Nacional, na

criminalização da cadeia produtiva em relação a áreas degradadas ilegalmente. Para não ter retrocesso é preciso que não mexa nas medidas que já temos".

Marina chegou ao limite. Várias vezes na entrevista disse que decidiu sair ao perceber que não podia avançar mais com as suas idéias. No balanço que fez sobre os cinco anos de sua gestão, admitiu que perdeu o embate entre o seu projeto — preservacionista, com ênfase no extrativismo — e o que deseja setores do governo que consideram exageradas as exigências ambientais para a concessão de licenças a grandes obras. Entre permanecer no governo sem conseguir avançar nas propostas e sair para manter os ganhos políticos, preferiu a segunda opção. "É preferível um filho vivo no colo de outro do que ter um morto no seu colo. E tenho certeza de que o novo ministro, pela biografia que tem, será capaz de mantê-lo vivo e fazê-lo crescer", comparou.

## Projetos

Elogiando o novo ministro, Carlos Minc, Marina Silva disse que ficou feliz quando ouviu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva prometer que política ambiental não mudará. Mas lamentou que não tenha conseguido implantar, por exemplo, integralmente as unidades de conservação, projeto paralisado por resistências de outras áreas do governo, como os ministérios de Minas e Energia e de Integração Nacional. Conformada, justificou: "Não se consegue fazer tudo que se quer na vida. Fizemos o possível. Não consegui aprovar lei dos transgênicos, mas consegui reposicionar o projeto do São Francisco, o caso do Rio Madeira", disse. Nas próximas semanas, ela reassumirá oficialmente o mandato de senadora no lugar do suplente Sibá Machado.

“PERCEBI QUE AS PEDRAS NÃO ESTAVAM MAIS SE MOVENDO E QUANDO AS PEDRAS NÃO SE MOVEM, É PRECISO FAZER ALGO PARA QUE ELAS SE MOVAM

É PREFERÍVEL UM FILHO VIVO NO COLO DE OUTRO DO QUE TER UM MORTO NO SEU COLO. E TENHO CERTEZA DE QUE O NOVO MINISTRO, PELA BIOGRAFIA QUE TEM, SERÁ CAPAZ DE MANTÊ-LO VIVO E FAZÊ-LO CRESCER

NÃO PODE RETROCEDER, AO MEU VER, NA RESOLUÇÃO DO CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL, NA CRIMINALIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA EM RELAÇÃO A ÁREAS DEGRADADAS ILEGALMENTE. PARA NÃO TER RETROCESSO É PRECISO QUE NÃO MEXA NAS MEDIDAS QUE JÁ TEMOS

